

## O rádio e os 60 anos do golpe de 1964

*Radio and the 60th anniversary of the 1964 coup*

*La radio y el 60 aniversario del golpe de 1964*

*Nair Prata; Nelia Del Bianco; Karina Woehl de Farias*

A imprensa tem, de fato, se consolidado como uma fonte crucial para o estudo da história contemporânea, oferecendo um arcabouço para a opinião pública dos acontecimentos e da narrativa construída em torno deles. No entanto, quando o foco recai sobre a Ditadura Militar brasileira, iniciada em 1964, há uma lacuna evidente no uso do rádio como objeto central de estudo. Embora o meio tenha sido uma das principais fontes de notícias durante o Golpe e nos primeiros anos do Regime, ele tende a ser menos explorado nas pesquisas acadêmicas comparando-se com a imprensa escrita. O fato é resultante, em parte, à dificuldade de acesso a arquivos completos de áudio, além da fugacidade das mensagens veiculadas pelas emissoras, deixando pouquíssimos registros físicos, ao contrário dos jornais impressos.

### >> Como citar este texto:

PRATA, Nair; BIANCO, Nelia Del; FARIAS, Karina Woehl de. O rádio e os 60 anos do golpe de 1964. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 15, n. 02, p. 2-6, maio/ago. 2024.

### Sobre as editoras convidadas

Nair Prata

[nairprata@uol.com.br](mailto:nairprata@uol.com.br)

<https://orcid.org/0000-0002-9127-7720>

Nair Prata é jornalista, doutora em Linguística Aplicada (UFMG), com estágio de pós-doutorado na Universidad de Navarra, em Pamplona, Espanha. É professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Universidade FUMEC.

Nelia Del Bianco

[neliadelbianco@gmail.com](mailto:neliadelbianco@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-3701-0929>

Jornalista, professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB. Doutora em Comunicação pela ECA-USP com estágio de pós-doutorado na Universidade de Sevilla.

Karina Woehl de Farias

[fariaskaki@gmail.com](mailto:fariaskaki@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-4400-8840>

Karina Woehl de Farias é Jornalista, professora da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP). É vice-coordenadora do GT História da Mídia Sonora da ALCAR.

Mesmo assim, o rádio se consolidou tanto como uma ferramenta de propaganda, quanto como um meio combativo ao militarismo da época. Aliás, os meios como um todo agiam assim, e devem ser analisados por suas inter-relações temporais, como lembra Barbosa (2014, p. 17) ao afirmar que a repressão aos veículos de comunicação deve ser vista a partir das múltiplas significações, “não apenas referentes ao passado, mas, sobretudo, ao presente, com vistas ao futuro”.

E é diante de um contexto atual polarizado por disputas dessas narrativas históricas sobre a Ditadura Civil-Militar no Brasil, que o papel do rádio como meio de comunicação e resistência se torna ainda mais relevante para a compreensão do passado. O período marcado pelo extremo abuso de poder e violações de direitos humanos, sustentadas pela própria estrutura estatal, não pode cair jamais em esquecimento. Por isso, lutar pela preservação da memória e pelo direito à verdade e justiça é um dever de quem estuda e analisa um dos momentos mais tenebrosos do país. As reverberações do autoritarismo, ainda presentes em parte da opinião pública, reforçam a necessidade de criticidade sobre os acontecimentos, organizações e sujeitos envolvidos nesse passado ditatorial.

Em 2024, o Brasil marca os 60 anos do Golpe Civil-Militar de 1964, um dos episódios mais impactantes de sua história recente. O período histórico, que significou 21 anos de ditadura, ainda provoca consequências políticas, sociais e culturais. Assim, refletir sobre tais relações entre o golpe e o meio é fundamental para entender a complexidade de perspectivas sobre o assunto. Diante deste cenário, o dossiê lançado pela Radiofonias complementa o projeto: O Rádio nos 60 anos do Golpe Civil-Militar: debates por uma consciência histórica crítica, com iniciativa do GT História da Mídia Sonora, da ALCAR, em parceria com o GI Radio e Medios Sonoros, da ALAIC. As ações propostas começaram com a mesa temática sobre a Ditadura Militar durante o 17º Congresso Latino-Americano de Pesquisa em Comunicação, realizado no Brasil, em 2024. A ideia foi dialogar sobre os acontecimentos que integraram a

história do rádio no contexto autoritário, bem como suas consequências ao longo dos anos. Vale frisar, que o período ainda não havia sido abordado de forma coletiva por pesquisadores/as do GT ou de outros grupos centrados nos estudos em mídia sonora. Neste sentido, as ações buscaram fortalecer vínculo e o engajamento dos/as pesquisadores/as com os grupos e aproximar outros/as interessados/as nos estudos radiofônicos que rememorassem o Golpe.

O dossiê da Radiofonias - O rádio nos 60 anos do golpe civil-militar: vozes, silêncios e reverberações - traz textos com reflexões sobre as tensões entre resistência e repressão no dial brasileiro. Desta forma, os artigos exploram a forma como o meio foi instrumentalizado tanto para controle quanto para oposição ao regime. Luiz Artur Ferraretto abre esta seção temática lembrando a atuação de João Batista Marçal, sindicalista que usou a rádio para articular uma resistência local no Sul do país. O trabalho destaca como, em meio à censura e autoritarismo, o comunicador manteve-se como mediador entre trabalhadores e a repressão dos militares.

No texto seguinte, Marli Vitali e Rafaela Clezar trazem relatos históricos, por meio de entrevistas, de quem passou pela ditadura em emissoras do interior do país. As autoras revisitaram as estratégias de silenciamento enfrentadas por radialistas da Rádio Maristela, no litoral norte do Rio Grande do Sul. O estudo revela que, embora o foco do regime estivesse nos grandes centros, as emissoras regionais também sofriam medidas de controle com restrições à divulgação de conteúdo crítico ao governo.

Pedro Serico Vaz Filho examina o papel da Rádio Jornal do Brasil, uma das emissoras mais influentes do país na época do Golpe. O artigo rememora a invasão violenta sofrida pela JB em 31 de março de 1964, causada por grupos legalistas de apoio ao presidente João Goulart. Além disso, o trabalho ainda reforça casos semelhantes em outras estações de rádio, causados por sublevados do comando militar que ocupavam o poder naquela ocasião.

O programa A Voz do Brasil integra este dossiê a partir da perspectiva de Luciana Paula Bonetti Silva. No texto, a autora oferece uma análise sobre o

radiofônico, destacando traços da linha editorial do regime militar até a contemporaneidade, mesmo após o retorno da democracia. Bonetti explora como as práticas jornalísticas e os temas envolvidos foram marcados pelo controle ideológico, refletindo parte da herança autoritária da ditadura.

Valci Regina Mousquer Zuculoto e Guilherme Gonçalves Longo miram nas estações públicas e atualizam análises trazidas anteriormente sobre as reflexões do Golpe no rádio público. Zuculoto e Longo apontam como essas emissoras, inicialmente criadas para propagar o desenvolvimento cultural e informativo, foram afetadas para servir como veículos de propaganda estatal. No artigo, os autores debruçam o olhar nas emissoras educativas, estatais, universitárias e culturais, propondo evidenciar impactos da ditadura no rádio público brasileiro.

A censura imposta aos veículos de comunicação e a utilização da imprensa como um braço do regime ganham também destaque na entrevista realizada com o professor e pesquisador João Batista de Abreu. A perspectiva de Abreu, um especialista sobre o tema com artigos e livros publicados ao longo dos anos, enriquece a discussão no dossiê. O autor relembra fatos marcantes ocorridos em veículos e no país, bem como rememora momentos de resistência de veículos e jornalistas. No bate-papo, ele faz menção ao Manifesto de 7 de junho de 1977, publicado na íntegra no site da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), contra todas as formas de cerceamento aos meios de comunicação no período. Na ocasião, mais de três mil profissionais assinaram o documento, considerado histórico, sendo a maior manifestação coletiva contra a censura desde a criação da imprensa brasileira (Cantarino, 2024).

Por fim, a resenha do livro de Izani Mustafá – O uso político do rádio pelos ditadores Getúlio Vargas e António Salazar 1930-1945 – acrescenta camadas importantes sobre as tentativas de uso político das mídias. O pesquisador Erivelto Amarante (UFPR) pontua no texto as questões importantes analisadas por Mustafá em relação à liberdade de expressão das emissoras homônimas Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, e Emissora Nacional,

de Lisboa.

Uma boa leitura!

## Bibliografia

BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e Golpe de 1964: entre o silêncio e as lembranças de fatias do passado. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.1. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/2108>. Acesso em: set/2024.

CANTARINO, Geraldo. O basta à censura durante a ditadura. **Associação Brasileira de Imprensa (ABI)**, junho de 2024. Disponível em: <https://www.abi.org.br/o-basta-a-censura-durante-a-ditadura/>. Acesso em: out/2024.